

Paul Mullen*

Paulino Vandresen**

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a apresentação dos fatores que identificam o comportamento lingüístico dos índios e mestiços da comunidade xoklêng quanto a usos e atitudes para com as línguas em contato no Posto Indígena de Duque de Caxias, em Ibirama, S.C.. A comunidade é formada por aproximadamente 140 famílias, sendo que 40% são índios puros, 45% são mestiços de origem indígena, e os 15% restantes são "brancos". Além desta comunidade, vivem no referido Posto dois grupos de índios guaraní somando cerca de 30 famílias e um grupo de cafuzos (mestiços de origem negra) com aproximadamente 40 famílias.

A descrição do bilingüismo das áreas indígenas é importante, dentro do projeto de Estudo do Bilingüismo e da Variação Lingüística da Região Sul, por dois motivos principais:

- a) na história da colonização pelos açorianos, alemães, italianos e poloneses, o contato com os índios sempre mereceu destaque especial;
- b) a aculturação lingüística do índio apresenta variáveis inteiramente diferentes dos imigrantes europeus e asiáticos, provocando, por isso, motivações acadêmicas especiais.

1.1. Metodologia Adotada

"Ātō ũn nũ vã?", entre os xoklêng quer dizer "Quem é Você?" Conhecer a identidade das pessoas é indispensável, pois sem esta é impossível saber como se proceder em relação a elas.

* S.I.L.

** Professor da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Da mesma forma, ao iniciar a pesquisa lingüística da língua xiklêng, sentimos a necessidade de conhecer profundamente as pessoas da comunidade, especialmente suas atitudes e preferências quanto à conservação da língua indígena.

No Posto Indígena, encontramos uma comunidade bastante diversificada, em todos os sentidos, uma vez que quase todos falam a língua portuguesa, pelo menos razoavelmente, e apenas uma parte (principalmente os índios puros) conserva o idioma xoklêng. Sendo o objetivo prioritário da pesquisa a elaboração futura de material escolar e de leitura neste idioma, que ríamos saber da viabilidade do mesmo idioma. Assim sendo, planejamos um estudo sociolingüístico para conseguir as informações necessárias sobre o interesse da comunidade em conservar a língua, bem como a possibilidade de serem alfabetizados em xoklêng.

A coleta dos dados realizou-se usando cinco técnicas:

- I .Montamos um questionário que solicitava as seguintes informações:
 - a) nome do informante, seus pais, e seus avós,
 - b) se viveu e/ou trabalhou fora do Posto Indígena,
 - c) situações em que usa preferencialmente xoklêng e/ou português,
 - d) atitude quanto à preservação da língua indígena e a possibilidade de eventual escolarização na mesma,
 - e) quadro familiar do "ego" anotando seus pais e filhos, bem como respectivas idades, tipos de trabalho, níveis de escolarização, língua materna e idades em que começaram a aprender um segundo idioma;
- II .Fizemos longas entrevistas com pessoas-chaves, conhecidas:
 - a) dos últimos 70 anos da tribo, e,
 - b) de laços conjugais e de parentesco co-sangüíneo ou adotivo entre os índios;
- III .Aplicamos técnicas de observação participante para perceber atitudes e comportamentos que evidenciam fatores sociolingüísticos;
- IV .Procuramos, entre os dados lingüísticos, elementos com implicações sociolingüísticas;

V. Plotamos num mapa, os locais das casas da maioria das famílias, anotando também as origens étnicas dos casais.

1.2. Fatores Tratados em Termos de Parâmetros

Devido a sua complexidade, resolvemos apresentar por meio de parâmetros, os fatores que se destacaram na identificação de indivíduos da comunidade. Atrvés dos parâmetros, poderemos avaliar o grau de "branqueamento" dos membros da comunidade, demonstrando numa escala, as opções que vêm se um extremo de "indigenismo" até o de "branqueamento". Na escala há uma variação do grau 0 (zero) ao 5 (cinco). O '0' representa o ponto de vista mais tradicional (indígena) e o '5' o mais "branco". Estes valores nos permitem chegar a uma conclusão relativa ao grau de "branqueamento" de cada pessoa, sugerindo o grau de assimilação à cultura nacional. Quanto mais o total se aproximar do '0', mais conservador e indígena é o comportamento da pessoa analisada. Quanto mais o total se aproximar do '5', mais aculturado se apresentará o indivíduo estudado.

O termo "branqueamento" se relaciona ao estudo das características intrínsecas e adquiridas pelos indivíduos e que influem em seu comportamento lingüístico e social, visando a identificação com a comunidade envolvente. As características intrínsecas são aquelas das quais ele não tem controle, como suas origens culturais e lingüísticas, seu nome próprio, sua escolarização básica, etc.. As características adquiridas são aquelas das quais o indivíduo tem mais capacidade de aceitação, rejeição ou manipulação. Nem sempre é possível distinguir claramente entre estas características. Às vezes, o que era inicialmente intrínseco, pode-se tornar manipulável. Por exemplo, um homem que só possui nome indígena pode chamar-se por um nome não-indígena apenas para parecer mais "branco".

Os parâmetros se dividem em quatro tópicos: (1) origem étnica, (2) comportamento lingüístico, (3) aspectos pessoais e (4) atividades. Cada um não revela, necessariamente, novas informações, mas interage com os demais, dando perspectivas variadas do mesmo assunto, como se o "ego" fosse visto por ângulos diferentes.

2. PARÂMETRO DE ORIGENS ÉTNICAS

A comunidade xoklêng é variada e complexa. Cada integrante pode ter uma bagagem étnica muito diversificada, e isto vem a complicar ainda mais o processo da identificação. Esta variação e complexidade devem-se à miscigenação, prática que se revelou constante, depois dos primeiros contatos pacíficos entre este povo e os "brancos".

A miscigenação começou quando um kaingâng se casou com uma xoklêng, por sugestão do então chefe da equipe de atração, Eduardo Hoerhan. O **Ka'ydunh**, cacique dos Kaingâng que ajudaram nos contatos, tomou como sua mulher, uma moça xoklêng chamada **Amêndo Vãnhu'inh**, com quem depois, teve uma filha. Algum tempo depois, o próprio E. Hoerhan juntou-se com outra xoklêng, **Tugdy Nãndja**, com quem teve um filho.

Nos 20 anos que se seguiram, seguindo estes exemplos, surgiram diversas uniões entre pessoas de grupos étnicos diferentes e os descendentes destas representam, no mínimo, a metade da comunidade atual. Primeiro, dois "brancos", funcionários do SPI, juntaram-se com três mulheres Kaingâng e o filho do **Ka'ydunh** casou-se com uma "branca". Mais tarde, uma filha dele, já casada com um kaingâng, resolveu aceitar dois parceiros xoklêng. Depois dois xoklêng se casaram com mulheres "brancas". Por ocasião do casamento do índio **Môkônã** com a Filomena, houve uma grande comemoração no posto e na cidade. Este foi o primeiro casamento entre um xoklêng e uma "branca".

O início da miscigenação foi proposto por E. Hoerhan. Como chefe da equipe de atração, ele afirmou que uma das técnicas para desenvolver a pacificação e a assimilação de um povo indígena se resume em promover laços conjugais entre membros da sociedade indígena e membros dos grupos étnicos com quem os índios mantêm contatos amistosos. Assim se formam alianças de amizade e confiança mútua, para que os índios não voltem ao seu estado anterior. Com os xoklêng, este princípio, não só foi aplicado, mas também criou uma dinâmica que gerou e continua gerando uma sociedade complexa e etnicamente diversificada.

Hoje, a comunidade se classifica, conforme uma taxonomia dos próprios índios, em três categorias de origem étnica: (1) IP, o índio puro, (2) MI, o mestiço indígena, descendente dos

xoklêng e/ou kaingâng da época da pacificação, e (3) Br, os "brancos" casados com pessoas de categorias 1 e 2.

Categorias 1 e 2 são ainda subclassificadas de acordo com a (s) origem (s) indígena (s) da (s) pessoa (s). O IP pode ser: (a) IX, índio xoklêng puro, (b) IM, índio misto xoklêng/kaingâng, ou (c) IK, índio kaingâng puro. Os MIs refletem esta mesma subclassificação: (a) MX, mestiço xoklêng descendente de IX e "branco", (b) MM, mestiço misto descendente de IM e "branco" ou (c) MK, mestiço kaingâng descendente de IK e "branco".

O rótulo "branco" (Br) refere-se a qualquer pessoa que apresenta a comunidade envolvente, sem referências às suas origens étnicas. De 1914 a 1954, vários(as) IPs e MIs, em vez de escolher parceiros de sua própria gente, casaram-se com "brancos" que trabalhavam dentro da área indígena. Mas a partir de 1954, na época pós-E. Hoerhan, IP e MI solteiros(as) começaram a sair do P.I. à procura de emprego. Ali acharam companheiros(as) "brancos(as)". Algum tempo depois, devido à situação econômica de então, voltaram para o P.I. de origem, trazendo consigo seu cônjuge. Estas uniões conjugais parecem ser motivadas pelo sonho de obter uma coisa nova, melhor, ou simplesmente diferente e de desvincular-se da cultura antiga, i. é, de entrar ou continuar no processo de "branqueamento".

Mais recentemente, nos últimos 10 a 15 anos, além dos "brancos", os IPs e MIs começaram a ajuntar-se com pessoas dos outros grupos étnicos que moram no P.I., os cafuzos(Cf) e os índios guaraní (Gn). Atualmente existem 5 ou 6 casais desta natureza.

Os chamados cafuzos (índios com negros), cujas origens indígenas são duvidosas, vieram para o P.I. na década de 40 como agricultores. Hoje, eles somam aproximadamente 150 pessoas e moram junto ao rio Platê perto da sede do P.I.. Para eles, casamento com IP ou MI significa melhor entrosamento com a comunidade dominante xoklêng e, com isto, melhor acesso aos recursos do Posto Indígena.

Os índios guaraní chegaram a Ibirama logo depois dos cafuzos. Fixaram-se nos fundos da reserva, preferindo não manter contatos freqüentes, conseqüentemente não se entrosando com a comunidade dominante.

Casamento com o indivíduo de um destes grupos não tem o mesmo prestígio que casar-se com um "branco". Entretanto mostra a mesma tendência do IP ou MI a afastar-se das suas origens indígenas, assumindo alianças fora da sua comunidade.

Além da origem étnica do "ego", se torna significativa conhecer também as origens do seu cônjuge e especialmente seus "orientadores", como pessoas que podem exercer forte influência na sua vida. Quando tratamos de "orientadores", no contexto xoklêng, referimo-nos às pessoas que desempenharam um papel importante na formação social e lingüística do "ego". Eles estimulam o desenvolvimento das atitudes e capacidades do ego mediante seus ensinamentos, exemplos, e comportamentos.

Como orientadores, enquadrámos os pais do "ego" e outras pessoas que exerceram papéis de intimidade, exemplo e liderança em sua vida. Consideramos, porém, pais do "ego", não necessariamente os seus progenitores, mas sim, o casal que se responsabilizou por ele até ficar adulto. Entre os xoklêng, a adoção sempre se destaca como uma das instituições mais importantes. Uma boa parte dos membros da comunidade (IPs, principalmente) foi criada por parentes e não por seus progenitores. Assim sendo, as origens destas pessoas são mais críticas na socialização do "ego" do que seus próprios pais biológicos.

Este fato ficou evidenciado nos dados da nossa pesquisa. Por exemplo, por que os filhos de um determinado xoklêng puro mostram inúmeras características de "branco", tais como: nomes não-indígenas, preferência pelo português, casamento com "brancos", etc.? Quando procuramos o porquê disto, constatamos que os filhos refletiam a influência que os orientadores desempenharam sobre seu pai. Descobrimos que este ficou órfão cedo, e foi criado junto a diversos outros órfãos IP por E.Hoerhan, o então chefe de Posto. Examinando ainda os valores sociais e lingüísticos destes outros indivíduos, notamos as mesmas tendências em optar pelos valores de "branco".

A volta às raízes indígenas pode também ocorrer por meio destes orientadores. Um mestiço de segunda geração nos surpreendeu, quando afirmou que fala xoklêng. Normalmente os mestiços de 1/4 sangue não encaram seriamente o idioma indígena. Este é o caso de todos os seus irmãos. A própria mãe MK prefere fa

lar o português, por causa de experiências negativas na aprendizagem do xoklêng quando criança. Então, por que este único filho fala o idioma? Se constatou que ele freqüentava muito a casa do avô materno e aprendeu a falar a língua indígena com a segunda mulher deste, uma xoklêng pura.

QUADRO 1. PARÂMETRO DE ORIGENS ÉTNICAS

Valor	Grupo Étnico	Ego	Orientadores				Cônjuque
			Pai	Mãe	Outro	Outro	
0.0	IX						
0.5	IM						
1.0	IK						
1.5	MX						
2.0	MM						
2.5	MK						
3.0	Gn						
4.0	Cf						
5.0	Br						

Com base nestes e muitos e outros exemplos, concluímos que estudos das origens étnicas podem nos fornecer dados importantes. Procuramos montar o QUADRO I de forma que ele permita descobrir e examinar as raízes do "ego" e as pessoas mais influentes na sua vida, e o grau de branqueamento ou aculturação que estas informações implicam, conforme os valores indicados.

3. PARÂMETROS DE COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO

A primeira impressão que tivemos ao começar os contatos com a comunidade xoklêng se resumia em: "Os xoklêng não falam mais sua língua indígena". Mais tarde isto foi confirmado pelo pastor de uma igreja de Ibirama, que atua na área indígena. Por que esta impressão pode ser a de muitas pessoas da região, que interagem com a comunidade xoklêng, quando na realidade, ainda existe um bom número de falantes deste idioma?

A resposta se encontra no conhecimento dos valores sociolingüísticos dos indivíduos desta sociedade e na forma de atuação desses valores no domínio tanto do português quanto do xoklêng. Quanto ao português, sua indispensabilidade é fato consumado. Hoje em dia, não há, neste grupo, um adulto sequer que não fale português, pelo menos, razoavelmente, ou mesmo, muito bem. O último índio velho, que falava somente em xoklêng, faleceu em julho de 1983 com mais de cem anos de idade. Por um lado, isto mostra a importância que a comunidade dá para a língua nacional, e explica porque as pessoas da região duvidam da conservação da língua indígena. Por outro lado, não é necessário procurar muito para descobrir evidências da preservação do idioma xoklêng, principalmente entre os IPs, bem como entre os MIs.

Portanto, nesta comunidade, o bilingüismo não se manifesta como o ideal da maioria. Este também é o caso de monolingüismo em xoklêng ou português. Existe uma variação individualizada em torno do uso dos dois idiomas. Destacaremos esta individualidade de atitude lingüística mediante parâmetros de comportamento lingüístico a seguir.

3.1. Parâmetro de Capacidade/Preferência/Atitude

No QUADRO 2.1., utilizamos indicadores duplos e sucintos para representar, explícita ou implicitamente, um conjunto de perspectivas de capacidades, preferências e atitudes que o indivíduo pode demonstrar em referência ao xoklêng e ao português.

Designamos valores para estes indicadores que especificam o grau de adaptação denotado por cada um, numa escala entre indigenismo e branqueamento, Por exemplo, os valores 0.0 e 1.5 indicam um alto nível de indigenismo, correspondendo a perspectivas positivas quanto ao xoklêng, mas neutras ou negativas em relação ao português. Perspectivas ou atitudes neutras ocorrem com as crianças falantes nativas de xoklêng, que não se manifestam no que diz respeito ao português.

QUADRO 2.1. - PARÂMETRO DE CAPACIDADE/PREFERÊNCIA/ATITUDE

Valor	Xoklêng	Português
0.0	Só fala	Não entende
0.5	Só fala	Entende passivamente
1.0	Prefere falar	Entende passivamente
1.5	Prefere falar	Prefere não falar
2.0	Prefere falar mais	Fala menos
2.5	Fala menos	Prefere falar mais
3.0	Prefere não falar	Prefere falar
3.5	Entende passivamente	Prefere falar
4.0	Entende passivamente	Só fala
5.0	Não entende	Só fala

As perspectivas negativas se manifestam nas vidas de alguns velhos que lamentam a adulteração e perda de prestígio da língua e cultura indígena. Um caso inédito neste sentido foi o do velho que faleceu em 1983. Ele fazia questão de não aprender a língua e cultura do "branco". Diariamente ele revivia as tradições, sempre procurando um parente mais novo, a quem ele pudesse transferir seus conhecimentos. Ele não se conformava com o branqueamento dos seus descendentes, como no caso de um dos seus netos IM que, mesmo casado com uma IX, ensinava primeiramente o português aos filhos. Até a forma como o velho faleceu, tendo visões de animais, era tipicamente tradicional ou indígena.

Os valores 2.0 a 2.5 significam perspectivas basicamente positivas a respeito das duas línguas. Estas posições equilibradas evidenciam atitudes bem sadias, reconhecendo a necessidade de dominar a língua nacional para conseguir uma boa escolarização e lidar com o mundo dos brancos. Da mesma forma, permitem a preservação da identidade indígena através de uma das poucas instituições que restam da sua tradição, seu idioma. O ponto fraco ou negativo nesta posição está exatamente no seu equilíbrio: é muito difícil manter essa característica, devido as forças que agem dentro e fora da comunidade. Existem tendências a favorecer o branqueamento, em prejuízo a língua indígena. Na situação de bilinguismo o português acaba como língua dominante.

Nos valores de 3.0 a 5.0, a situação se inverte em relação aos de 0.0 a 1.5 e as atitudes negativas são refletidas na maneira em que os indivíduos evitam o uso da língua indígena. Se sabem falar xoklêng, só demonstram seus conhecimentos quando estão em apuros, ou quando precisam afirmar sua identidade como índios, ou ainda quando não se sentem ameaçados ou expostos a críticas. De certa forma, pessoas que mostram estes valores, especialmente os MIs que não se casam com IP ou MI, são considerados marginalizados pelo núcleo indígena da comunidade. Eles podem sofrer pressões internas e externas que os conduzem, respectivamente, para a periferia da sociedade indígena e para dentro da sociedade envolvente.

Neste aspecto, se destaca o hábito que alguns IPs têm de criticar pessoas (especialmente MIs que não são seus parentes) que preferem não falar o idioma ou falam-no desordenadamente. Parece-nos que estas críticas têm como finalidade o isolamento e a desvinculação destas pessoas do núcleo da comunidade e dos seus recursos. As críticas, igualmente, desestimulam a aprendizagem de xoklêng, dificultando a identificação das pessoas para com a comunidade. Assim, aumentam as atitudes positivas a respeito do português e da sociedade nacional, acelerando o processo de branqueamento.

Mas este parâmetro, junto com o de origens étnicas, não diz tudo sobre o uso de idiomas pelos membros da comunidade xoklêng, porque não existe uma correspondência entre os dois. Examinando nossos dados, ficou evidente que, por exemplo, o fato de um IP se criar com IPs não garante que ele vá demonstrar atitudes mais indígenas que um MX. Os estudos mostram claramente a existência de outros fatores e aspectos na socialização destas pessoas que influem no comportamento sociolinguístico.

3.2. Parâmetro de Dialectos

Ainda na área linguística, um outro fator que ajuda identificar o indivíduo, se encontra no dialeto ou dialetos de xoklêng que ele está acostumado a empregar conforme a identidade que assume. Este aspecto da nossa pesquisa precisa de dados mais exatos, porém as impressões dos IPs a respeito dos diversos dialetos do xoklêng falados no P.I. nos permite arriscar algum

comentário. Este parâmetro destaca somente as características principais e o grau de branqueamento de cada falante, de acordo com o QUADRO 2.2..

Em primeiro plano, como base para a comparação surge o dialeto histórico, ou seja, o xoklêng tradicional. Este conta com uma grande riqueza de palavras que evidenciam a cultura antiga e a proximidade do xoklêng às outras línguas da família Jê, em particular ao kaingâng, com o qual tem uma aproximação semelhante a do português com o espanhol. Índios, com mais de 70 anos de idade, falam este dialeto, mas os de 40 ou mais também o entendem.

QUADRO 2.2. - PARÂMETRO DE DIALETOS

Valor	Dialeto	Característica Principal
0	xoklêng trad.	vocabulário antigo
1	xoklêng atual	perda de voc. antigo
2	interfer. de K.	hypernasalização
3	interfer. de P.	adaptação de pronúncia
4	pidgin português	com fala desordenada
5	nenhum destes	não fala xoklêng

O dialeto xoklêng atual vem perdendo vocabulário referente às áreas da cultura que não se praticam mais, e de nomes de animais, aves, insetos, árvores, etc. por falta de uso e condições de documentá-los. Além disto, os novos estão deixando de usar certas palavras que poderiam perfeitamente ser utilizadas na vida diária e não sabemos porquê não o fazem. Hoje se fala *lanhlaj jó*, "lugar de trabalho", em vez de *apô*, "roça", e *déngla*, "coisa assada", em vez de *amê*, "pão".

O dialeto 2 é atribuído aos descendentes dos primeiros kaingâng na área. Conforme os comentários dos xoklêng puros, "os kaingâng puxam tudo pelo nariz". Isto é um pouco de exagero, porém, estes descendentes (e aqueles que se identificam com eles) têm a tendência de nasalizar vogais que em geral são puramente orais, destacando as vogais orais baixas quando estas ocorrem antes de uma consoante nasal. Tratamos este fenômeno co

mo interferência ou um fragmento de kaingâng, sendo que, por exemplo, o fonema /a/ de xoklêng se manifesta em kaingâng como /ã/.

Quanto ao dialeto 3, documentamos, além de palavras emprestadas do português, vocábulos de xoklêng que começam a admitir adaptações de pronúncia, aproximando-se mais da fonologia do português. A consoante fricativa interdental sonora se torna alveolar como /z/ de "zebra". Duas vogais centrais menos-baixas se neutralizam com os fonemas /i/ e /e/. E a consoante palatal nasal /ñ/ se transforma em um simples semivocóide /y/, quando ocorre no fim de uma sílaba. Tudo isto altera consideravelmente a pronúncia.

A penúltima opção se expressa numa tentativa de falar xoklêng por algumas pessoas não-indígenas e o resultado é um pidgin mais do que um dialeto. Normalmente quem fala assim são pessoas de fora que vêm morar no P.I., ou pessoas que foram criadas na área sem dar valor ao idioma xoklêng. Daí, por acaso, comecem a prender alguma coisa da língua indígena. Entretanto, faltando apoio de seus parentes e/ou cônjuge, eles não conseguem vencer a fonologia e a gramática, e o resultado é uma mistura de português/xoklêng.

O presente parâmetro fornece uma maneira de classificar os dialetos existentes na comunidade xoklêng. Da mesma forma, oferece um critério para o enquadramento dos indivíduos em grupos de origem semelhante, além de permitir a observação das manipulações de grupos e de identidade pessoais. Particularmente os dialetos xoklêng tradicional, e atual, em contraste com o kaingâng, definem claramente as pessoas de dois grupos sociais diferentes. O kaingâng tem um pouco mais de prestígio enquanto o grupo xoklêng é mais conservador. Às vezes, uma pessoa adapta sua fala para identificar-se mais ou menos com o outro ou com uma pessoa daquele outro grupo.

3.3. Parâmetro de Língua Materna

Este parâmetro de língua materna está relacionado com a união de identidade e a aquisição de capacidade lingüística. Mediante a aprendizagem de uma língua, o "ego" começa a estabelecer a percepção de si mesmo, em relação ao mundo que o cerca.

Da mesma forma, a escolha da língua no lar já indica a identidade de que os pais/professores do "ego" preferem para ele.

Foi, então, uma surpresa quando descobrimos que alguns IP estavam ensinando português para os filhos mais novos. Eles indicaram dois motivos diferentes para isto, um de mudança de identidade e o outro mais prático ou instrumental. No primeiro caso, o pai achava melhor dar prioridade à língua nacional, por que a cultura antiga não oferece muito para suprir as necessidades da sua família. No segundo caso, destacou-se o domínio do português como indispensável ao bom desempenho na escola.

Para os efeitos desse trabalho, consideramos, em primeiro lugar, como a língua materna, o idioma que o indivíduo controla com maior facilidade ao alcançar 5 anos de idade. Em segundo lugar, pode existir uma outra língua que ele venha a dominar depois dos 5 anos de idade. Fazemos esta divisão baseados na tendência que os IP têm de ensinar aos seus filhos, prioritariamente, uma língua até esta idade, e subseqüentemente outra.

No QUADRO 2.3, são apresentadas diversas opções possíveis num conjunto de dois tipos de fatores: (1) prioridade no ensino de línguas e (2) origens étnicas dos pais/professores. Acreditamos que cada opção potencialmente representa um resultado diferente em termos de identidade étnica e capacidade lingüística.

QUADRO 2.3 - PARÂMETRO DA LÍNGUA MATERNA

Valor	Primeira	Segunda	Pais/Professores		
0.0	xoklêng	xoklêng	IP	+	IP
0.5	xoklêng	português	IP	+	IP
1.0	português	xoklêng	IP	+	IP
1.5	xoklêng	português	IP	+	MI
2.0	xoklêng	português	IP	+	Br.
2.5	português	xoklêng	IP	+	MI
3.0	português	xoklêng	IP	+	Br.
3.5	xoklêng	português	MI	+	Br.
4.0	português	xoklêng	MI	+	Br.
4.5	português	português	IP	+	Br.
5.0	português	português	MI	+	Br.

Exemplificando, o valor 0.0 significa monolíngüe em xoklêng e uma identificação clara com a cultura antiga. (Entre os adultos da comunidade, não existe mais ninguém desta categoria). Da mesma forma, as opções 0.5 a 2.0 provam uma identidade indígena firme e um domínio bom das línguas. De acordo com nossos dados, para isto acontecer, exige-se um ou ambos de dois fatores críticos: (1) um dos pais tem que ser IP, com plena liberdade de ensinar xoklêng em primeiro lugar ou (2) ter dois pais IP que mediante seu exemplo mostram que pode ser índio e bilíngüe.

Por outro lado, imaginamos que, a partir dos valores 2.5, a identidade indígena deve sofrer inevitável e gradativamente maiores pressões em direção ao branqueamento e ao português como língua predominante.

4. PARÂMETRO DE ASPECTOS PESSOAIS

Os parâmetros a seguir, tratam de três aspectos pessoais que facilitam a percepção e a possível previsão do comportamento social e lingüístico do "ego". Eles se referem: (1) à sua atitude em relação às tradições da tribo, (2) ao sexo, e (3) ao nome completo.

4.1. Parâmetro de Atitude a Respeito da Cultura Antiga Xoklêng

Nem sempre é possível considerar a atitude de um índio concernente a sua cultura antiga. Ele sabe esconder seus sentimentos verdadeiros, se fazer de conveniente, como qualquer um de nós. Mas como observador/participante da vida diária da comunidade, o pesquisador pode perceber a presença ou não de um interesse espontâneo nas tradições do grupo ou a plena rejeição de tudo o que era dos seus antepassados.

QUADRO 3.1. - PARÂMETRO DE ATITUDE A RESPEITO DA CULTURA ANTIGA

Valor	Atitude	Interesse
0	Positiva	Ativo
1	Positiva	Passivo
2	Neutra	Passivo
3	Neutra	Histórico
4	Negativa	Histórico
5	Negativa	Rejeição

De acordo com o QUADRO 3.1, o "ego" pode demonstrar uma atitude positiva, neutra ou negativa que se correlaciona com um interesse ativo, passivo, simplesmente histórico ou de rejeição. Em geral, tais atitudes correspondem significativamente ao grau de interesse na língua indígena.

Este parâmetro foi evidenciado durante uma entrevista com um IP que recusou-se a nos fornecer qualquer informação sobre sua família, seus parentes ou sua vida. Declarou que as tradições do seu grupo não ensinaram nada que fosse útil para sua família nos dias atuais. Só ensinaram matar. Agora ele só quer seguir a orientação do "branco". A avaliação simplista deste homem se correlaciona com a sua decisão em ensinar o português aos seus filhos como primeira língua (materna). Depois desta entrevista, começamos a sentir mais a diversidade de atitudes e interesses a respeito das tradições dos xoklêng.

A idéia de atitudes positivas, neutras, ou negativas é auto definível. Mas, devemos explicar os tipos de interesse: ativo, passivo, histórico, e de rejeição. O ativo implica num interesse tanto na aprendizagem, quanto no ensino das tradições. O passivo sugere um interesse na recepção, mas não na transmissão da cultura. O histórico é um interesse não na aprendizagem, mas na documentação da vida dos antepassados para qualquer eventualidade. O de rejeição simplesmente mostra que a pessoa não tem interesse nenhum no seu passado, somente no seu futuro como "branco". Assim progressivamente a cultura vai-se extinguindo e talvez depois a própria língua indígena.

4.2. Parâmetro de Sexo: Feminino ou Masculino

A influência do "sexo do ego", na formação de sua identificação lingüística e social parece difícil por um lado e, por outro, fácil de definir. É difícil, considerando que nos outros parâmetros, as opções podem ser classificadas como ora mais indígenas, ora mais "brancas". No caso de sexo, na comunidade xoklêng, não se torna possível dizer que a mulher ou o homem mostra maior tendência para um extremo ou outro. Todavia, é fácil, porque observamos que tanto a mulher quanto o homem tem um papel quase específico em conservar ou deixar de conservar as características indígenas.

Por exemplo, a mulher, como mãe, pode exercer um papel importante na conservação dos valores da cultura e língua indígenas, e via de regra tem menos contatos com "gente de fora". Entretanto, ela também traz para a sua sociedade influências dos "brancos", quando se casa com alguém da sociedade envolvente. Notamos que, entre os PIs, as mulheres têm mais facilidade de achar parceiros brancos do que os homens.

Este papel paradoxal nos dá a impressão de que as mulheres ocupam uma posição mais neutra, porém, simultaneamente, flexível a respeito do branqueamento. Também na comunidade, elas são consideradas as principais instrutoras da língua xoklêng. Assim, há uma probabilidade maior de as mulheres mestiças falarem com desenvoltura a língua xoklêng, do que os homens mestiços, especialmente se suas mães são IPs.

O homem IP, por sua vez, enfrenta certas dificuldades ao se casar com uma "branca" e se mostra mais definido e declarado em suas preferências sociais quanto ao uso das línguas. Os seus contatos diários com a cultura nacional obrigam-no a dominar o português melhor que a mulher e tomar atitudes firmes e decisivas. Assim ele, como IP, em geral fala as duas línguas, dando uma ligeira preferência por uma ou outra. O MI quase sempre fala português em primeiro lugar e fala pouco ou prefere não falar a língua indígena.

Assim sendo, o sexo da pessoa se caracteriza, não em termos de indigenismo ou branqueamento, mas pela maneira de agir na vida e, deste modo, o sexo exerce uma influência na identidade da pessoa.

4.3. Parâmetro de Nome Próprio em Xoklêng e/ou Português

O que há de especial no nome? O que se pode aprender conhecendo o nome de alguém? No contexto xoklêng, o nome é muito importante. Nesta comunidade, as pessoas podem ter nomes de origem indígena, xoklêng e/ou kaingâng, e/ou de origem não-indígena. O conhecimento do nome completo do informante permite ao pesquisador fazer especulações sobre as suas origens étnicas e seus pais, seus antecedentes e seus orientadores. Pode-se até conjecturar se o índio saiu, ou não, do mato em 1914, e se fala, ou não, o idioma xoklêng. Da mesma forma, pode-se avaliar seu grau de branqueamento, de acordo com o QUADRO 3.3..

A possibilidade de fazer hipóteses baseadas nos nomes próprios, se justifica nos costumes tradicionais destes índios de dar a seus filhos nomes dos seus antecedentes sanguíneos ou adotivos. Além disto, desde os primeiros contatos pacíficos com os "brancos", os xoklêng vêm usando o princípio de dar sobrenomes indígenas, para conformarem-se com o sistema nacional.

QUADRO 3.3. PARÂMETRO DE NOME PRÓPRIO EM XOKLÊNG E/OU PORTUGUÊS

Valor	Nome Indígena	Nome não Indígena	Conhecido por Nome
0	sim	não	Indígena-x
1	sim	sim	Indígena-x
2	sim	sim	Indígena-k
3	sim	sim	Não-Indígena
4	não	sim	Não-Indígena

No P.I., encontram-se pessoas com nomes puramente xoklêng, dados conforme o sistema tradicional, com ou sem sobrenomes. Estas pessoas são descendentes dos xoklêng e inevitavelmente falam este idioma e o português.

Outras pessoas têm nomes indígenas (xoklêng e/ou kaingâng) e não-indígenas. Às vezes, nomes destas duas origens formam nomes duplos que são dados sempre em conjunto. Por exemplo, o nome "Rosa" sempre acompanha o nome kaingâng **Kávãñ**. Este conjunto de nomes é dado a meninas pelos descendentes sanguíneos ou adotivos da Rosa **Kávãñ**, filha do cacique, **Ka'yduñh**. Pessoas com este tipo de nome são descendentes IP ou MI de xoklêng e/ou kaingâng e são bilíngües. Entretanto, normalmente preferem falar o português.

Mestiços, com nomes totalmente não-indígenas ou que preferem não informar seus nomes indígenas, estão demonstrando sua plena identificação com a comunidade envolvente ou "branca".

5. PARÂMETROS DE ATIVIDADES DENTRO E FORA DO POSTO INDÍGENA

Neste grupo de fatores, vários aspectos poderiam ser cogitados. Vamos analisar apenas três parâmetros considerados mais importantes: (1) o papel da escola, (2) a atividade religiosa e (3) o trabalho fora do posto. Estes três fatores exercem uma im

portância extraordinária sobre o comportamento lingüístico dos xoklêng.

5.1. Parâmetro de Papel da Escola

O ensino da língua portuguesa na escola teve um papel importante na ampliação do bilingüismo no Posto Duque de Caxias, em Ibirama. A escolarização foi iniciada em 1939, tendo como professor o imigrante polonês Stanislaw Busenski, que exerceu o cargo até 1944. Para poder comunicar-se com seus alunos aprendeu a língua xoklêng. Outros professores da escola foram José Balbino de Andrade (1941-43), Felício Polidoro (1945-48), Bruno Rochel (1949-50), novamente José Balbino de Andrade (1951-54), e Davi Ramos (1955-56). De 1957 a 1977 Lino Nunforo (MI) exerceu com grande eficiência a função de professor de 1ª a 4ª série. Sucederam-lhe outros professores brancos.

Hoje há duas escolas funcionando na área, oferecendo escolarização até a 4ª série. Da 5ª a 8ª os alunos da área indígena precisam deslocar-se à José Boiteaux, colônia italiana situada a uns 20km da área indígena. O deslocamento dos alunos (entre 10 a 20) é feito em caminhão do P.I. ou em ônibus que atravessa o mesmo. Na escola de 5ª a 8ª séries, eles estão em contato constante com o português falado por crianças descendentes de italianos. Já o 2º grau é feito em Ibirama, Presidente Getúlio ou outra cidade ainda mais distante. Cursar o 2º grau significa morar fora da reserva, geralmente, com famílias alemãs ou italianas.

Para medir a influência da escola no comportamento social e lingüístico, utilizamos os parâmetros no quadro que se segue:

QUADRO 4.1. - PARÂMETRO DE ESCOLARIDADE

Valor	Grau de Estudo
0.0	Analfabeto
0.5	1ª a 4ª série (incompleto)
1.0	1ª a 4ª série (completo)
2.0	5ª a 8ª série (incompleto)
3.0	5ª a 8ª série (completo)
4.0	2º grau (incompleto)
5.0	2º grau (completo)

No valor 0.0. o aluno está em contato obrigatório com a língua portuguesa. Nos valores 0.5 a 1.0 o aluno não sai da comunidade, estando em contato principalmente com índios e mestiços. Os valores 2.0 a 3.0 levam o aluno diariamente a contatos com alunos "brancos" em José Boiteaux. (As relações dos índios com os ítalo-brasileiros e seu aproveitamento escolar ainda não foram pesquisados). Os valores 4.0 a 5.0 implicam em afastamentos mais demorados do P.I. e geram a falta de oportunidade para falar a língua indígena.

5.2. Parâmetro de Atividade Religiosa

Após as atividades dos padres católicos (Pe. João Komineck e outros) na reserva indígena, a assistência religiosa cristã ficou praticamente interrompida entre os anos de 1930 a 1953 (Santos, 1973). Atualmente, a Assembléia de Deus é a única igreja cristã que oferece assistência religiosa na reserva indígena com a participação efetiva de algumas famílias, predominantemente de IP a MI..

A prática religiosa cristã é um índice importante para aferir o grau de "branqueamento" de cada integrante da comunidade indígena, conforme o QUADRO 4.2..

Na atividade religiosa, os graus 1 e 2 indicam níveis diferentes de entrosamento e adaptação entre a religião indígena e a cristã, enquanto os graus 3 e 4 apontam para uma tendência mais definitiva para a cristã. Observamos que a liderança é composta tanto de IP quanto de MI. Como nos demais parâmetros, os graus 4 e 5 demonstram alto grau de integração social e linguística, pois o culto é realizado, de modo geral, em língua portuguesa.

QUADRO 4.2. - PARÂMETRO DE PRÁTICA RELIGIOSA

Valor	Atividade Religiosa
0	Religião indígena
1	Contato religioso cristão interrompido
2	Assiste cultos evangélicos de vez em quando
3	Assiste cultos evangélicos regularmente
4	Participa da liderança de cultos evangélicos
5	Outras

5.3. Parâmetro de Trabalho fora da Área Indígena

Na década de 40, houve uma epidemia na área indígena que levou muitos índios a saírem à procura de trabalho e sustento fora da reserva. Esta prática, embora não em número tão elevado, continua até os dias de hoje. A falta de contato com a língua e com a cultura indígena, bem como um maior contato com os portugueses durante o período de afastamento, exercem consequências sobre as atitudes e o comportamento linguístico, que tentamos registrar no QUADRO 4.3 a seguir:

QUADRO 4.3. - PARÂMETRO DE TRABALHO FORA DO POSTO

Valor	Estágios Fora do Posto
0	Nunca
1	Intermitentemente
2	Por período de menos de 1 ano
3	Por período de 1 a 2 anos
4	Por período de 3 a 4 anos
5	por período de mais de 4 anos

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ficou implícito em nossa exposição, alguns segmentos do Posto Indígena de Ibirama ainda não foram alcançados pela pesquisa, como os dois grupos guaraní e os cafuzos. Há também a necessidade de reavaliar e aprofundar a aplicação destes parâmetros nas comunidades xoklêng da sede e principalmente do Bugio.

Com esse aprofundamento haverá possibilidade de quantificar de alguma forma a descrição do bilingüismo na área indígena estudada.

A descrição da situação sociolingüística nas demais comunidades indígenas da Região Sul parece-nos imprescindível para qualquer esforço na direção de preservar as línguas e culturas existentes. Nosso trabalho pretende abordar aspectos metodológicos que poderão ser utilizados nesta tarefa.

BIBLIOGRAFIA

- BROWN, H. Douglas. **Principals of Language Learning and Teaching**. New Jersey: Prentice-Hal Inc, 1980.
- GUÉRIOS, R.F.Mansur. 1945 - "O Xocrén e idioma Caingangue" Em : **Arquivos do Museu Paranaense**, IV. Curitiba.
- GENSCH, Hugo. 1908 - Wörterverzeichnis der Bugres von Santa Catarina. Em: **Zeitschrift für Ethnologie**, Vol. 40, pp.744-759.
- HENRY, Jules. 1935 - "A Kaingáng Text" Em: **International Journal of American Linguistics**, Vol. VII, nº 3-4.
- 1936. "A preliminary sketch of the kinship and social organization of the Botocudo Indians" Rio de Janeiro, Em: **Boletim do Museu Nacional**, Vol. XII, nº 3-4, pp. 49-58. (Publicado originalmente com o nome de J. H. Blumensohn).
- 1948. "The Kaingáng Language" Em: **International Journal of American Linguistics**, XVI, nº 3. Baltimore.
- 1964. **Jungle People, a Kaingáng tribe of the highland of Brazil**. Randon. New York.
- HICKS, David. 1966a - "The Kaingáng and the Aweikoma: a cultural contrast" Em: **Antropos**, Vol. 61, pp. 839-846.
- 1966b - "A structural analysis of Aweikoma symbolism" Em: **Ethos**, Vol. 31, pp. 96-111.
- 1971a - "A comparative analysis of the Kaingáng and Aweikoma relationship terminologies (Brazil)" Em: **Antropos**, Vol. 66, pp. 931-935.
- 1971b - "A structural modal of Aweikoma society" Em: **The Translation of Culture**, (organização de T.O. Beidelman), pp. 141-159. Tavistock, London.
- 1974 - "The Tibagy Kaingáng" Em: **Antropos**, Vol. 69, pp. 748-752.
- NIMUENDAJÚ, Curt e Guérios, R.F.M. 1948 - "Cartas etno-lingüísticas" Em: **Revista do Museu Paulista (Nova Série)**, Vol. 2, pp. 207-241.
- PAULA, José Maria de. 1915 - Relatório do Posto do Platé. Ms.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. 1973 - **Índios e Brancos no Sul do Brasil, a dramática experiência dos xoklêng**. EDEME. Florianópolis.

- SCHADEN, Francisco S.G. 1972 - "Xoklêng e Kaingâng" Em: **Homem , Cultura e Sociedade no Brasil** (organização de Egon Schaden), RJ, Editora Vozes Ltda. Petrópolis.
- URBAN, Gregory Paul. 1978 - **A model of Shokleng Social Reality.** Tese inédita de Doutorado. (University of Chicago). Chicago.
- 1982. "The Semiotics of two speech Styles in Shokleng" Em : **Sociolinguistic Working**, Paper nº 103. Southwest Educacional Development Laboratory, pp. 53. Também, **Case Studies in the Ethnography of Speaking**, (organização de R.Bauman and J. Sherzer), pp. 14-67 - Southwest Educacional Development Laboratory.
- 1984. "Wãñêklên: Semiotics of Parallelism in the Shokleng Origin Myth" Comunicado preparado para a conferência de "Native South American Discourse", University of Texas. Austin .
- s.d.a. - "Nil of the Macuco". **Ms.**
- s.d.b. - "Mechanisms of material culture change in Shokleng: 1914-1982". **Ms.**
- s.d.c.-"Speech about speech in speech about action". **Ms** .
- s.d.d.-"Developments in the situation of tribal brazilian populations from 1976 to 1982: an interpretive overview. **Ms.**
- s.d.e.- "Length in Shokleng monosyllabic words". **Ms.**
- s.d.f.- "Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê)". (A Sair Em: **International Journal of American Linguistics**).
- WERNER, Dennis. s.d.a. - "Stress psico-social e a barragem de Ibirama" (A sair Em: **Human Organization**, em inglês).
- s.d.b. - "Mudanças demográficas no Posto Indígena. Ibirama " (A sair Em: **Anais do Museu de Antropologia - UFSC**).
- s.d.c. - "Duas respostas simplistas sobre os direitos dos índios à terra" (A sair Em: **Índios e o Direito**, VI,UFSC).
- WIESEMANN, Ursula. 1968 - "Análise preliminar da fonologia da língua xoklêng". **Ms.**
- 1978. "Os dialetos da língua Kaingâng e o Xoklêng" Em : **Arquivos de Anatomia e Antropologia do Instituto de Antropologia Professor Souza Marques**, Vol. III.